

## O ENSINO DA LITERATURA MARANHENSE NO CENTRO DE ENSINO DELFINO AGUIAR DE AZEVEDO NO MUNICÍPIO DE SÃO JOÃO DO PARAÍSO NO ESTADO DO MARANHÃO

### THE TEACHING OF MARANHÃO LITERATURE IN THE DELFINO AGUIAR DE AZEVEDO TEACHING CENTER IN THE MUNICIPALITY OF SÃO JOÃO DO PARAISO IN MARANHÃO STATE

Geocione Moreira Melo Miranda <sup>1</sup>

#### RESUMO

A história da literatura maranhense coincide-se com a sua própria história. Com isso procura-se no presente trabalho, buscar e refletir sobre importância dos seguintes questionamentos: Como ensinar na escola maranhense a história de sua Literatura? E onde andam os guardiões e campeões de nossa memória? Quem esta de pé e em alerta, vigiando os panteões onde nossos heróis e grandes homens deveriam ser cultuados, reverenciados e lembrados pelas suas obras e façanhas, positivando o Maranhão e sua gente? E como é o o ensino da Lieatratura maranhense no Centro de Ensino Delfino Aguiar de Azevedo no município de São João do Paraíso-Maranhão. Como formadores de opinião os dorcentes precisam assumida uma posição no processo que desencadeiam reformas curriculares. Tendo em vista que a implementação de propostas voltadas para o ensino da literatura maranhense depende diretamente do papel exercido pelo o professor em sala de aula. O conhecimento da nossa história, depende das diferentes referências. E explicado diversamente em gêneses e desenvolvimento condicionado com conceitos diversos de homem, mundo, cultura, sociedade, educação, etc. Dentro de um mesmo referencial é possível haver abordagem diversas, tendo em comum apenas os diferentes primados: ora do objeto, ora do sujeito, ora da interação de ambos. Falar de Literatura maranhense em sala de aula é narrar nossa própria história voltar no tempo e descobrir como se formou nosso povo e nossa cultura. Com base nas reflexões de diferentes autores e sondagens nas salas de aula, fez-se um estudo comparativo das diferentes metodologias de ensino de Literatura; e a partir dos dados obtidos foi possível reunir estratégias que podem colaborar para a qualidade do ensino, aprendizagem e despertar o gosto pela Literatura Maranhense como também poder orientar, na pratica,os professores de Literatura a realizarem em sala de aula atividades que contribuam significativamente para a formação de leitores criticos e protagonista da sua hisória.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação. Leitura. Maranhão. Ensino Médio.

#### ABSTRACT

The history of Maranhão literature coincides with its own history. With that, in the present work, we seek and reflect on the importance of the following questions: How to teach the history of its Literature in the Maranhão school? And where are the guardians and champions of our memory? Who is standing and on alert, watching the pantheons where our heroes and great men should be worshiped, revered and remembered for their works and exploits, making Maranhão and its people positive? And how is the teaching of Lieatratura Maranhão at the Delfino Aguiar de Azevedo Teaching Center in the municipality of São João do Paraíso-Maranhão. As opinion makers, faculty members need to take a position in the process that triggers curricular reforms. Bearing in mind that the implementation of proposals aimed at the teaching of Maranhão literature depends directly on the role played by the teacher in the classroom. Knowledge of our history depends on different references. It is explained differently in genesis and conditioned development with different concepts of man, world, culture, society, education, etc. Within the same framework it is possible to have different approaches, having in common only the different primaries: sometimes the object, sometimes the subject, sometimes the interaction of both. To talk about Maranhão Literature in the classroom is to narrate our own history, going back in time and discovering how our people and our culture were formed. Based on the reflections of different authors and surveys in the classrooms, a comparative study of the different methodologies of teaching Literature was carried out; and from the data obtained it was possible to gather strategies that can contribute to the quality of teaching, learning and awaken the taste for Maranhense Literature as well as being able to guide, in practice, Literature teachers to carry out in the classroom activities that significantly contribute to the formation of critical readers and protagonists of its history.

**KEYWORDS:** Education. Reading. Maranhao. High school.

<sup>1</sup> Mestrado em Ciências da Educação pela ACU - Absolute Christian University, ACU. Especialização em Língua Portuguesa. Faculdade Antonio Propício De Aguiar Franco - FAPAF, FAPA. Especialização em Administração Escolar pela Faculdade De Ciências Humana De Vitória, FAVIX. Graduação em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão, UEMA. Graduação em Pedagogia pela Faculdade da Terra de Brasília, FTB. **Currículo Lattes:** lattes.cnpq.br/3029401491169263

## INTRODUÇÃO

A arte literária oferece a melhor e mais prazerosa forma de aprender, pois propicia entre outras coisas o desenvolvimento do pensamento artístico, o exercício do reconhecimento de si, do outro e do meio em que vive. O interesse em pesquisar este tema em foco deve-se ao grande e acelerado desinteresse dos nossos alunos em não estudar os grandes poetas desta terra, em função dos paradigmas da modernidade, que todas as coisas, mesmo as mais veneráveis e venerandas, envelheçam com rapidez e sejam sistematicamente esquecidas e abandonadas.

Introduzir a Literatura maranhense nas escolas do Maranhão significa oferecer aos alunos a oportunidade de conhecer as pectos da história, cultura, política, economia, linguagem, religiosidade, enfim, as peculiaridades do povo do Maranhão retratadas nas obras de acordo com época em foram escritas e a visão holística do autor. Significa ainda levar o educando a ter contato com o passado, a memória e com o presente expresso nas poesias, nos contos, romances, crônicas, ensaios, peças tea-trais e outros textos tão bem engendrados pelos mais diversos autores das mais diferentes épocas entre os quais: Aluisio Azevedo, Arthur Azevedo, Gonçalves Dias, Ferreira Gullar, Jose Sarney, Sousândrade, Luis Augusto Cassas e tantos outros que formam a plêiade maranhense que com arte e engenhosidade retrataram e retratam até hoje as singularidades das terras e do povo maranhense.

Considerando esta perspectiva, este projeto tem a finalidade colaborar para que o aluno seja estimulado a ler, porém partindo do princípio que o mundo das letras não mais gravita somente em torno da mídia impressa, mas alastra-se como agilidade imprevista na mídia virtual, o mesmo será desenvolvido a partir da utilização do laboratório de informática em vista que em nossa biblioteca quase não existem obras dos autores maranhense, e estas poucas que existem não mais estarão isoladas, mas a partir dela encontram-se outros

caminhos de investigação, análise crítica, resenha e biografias com o objetivo de levar o hipernauta a manipular diferentes arquivos que o ajudem a aumentar o seu cabedal de conhecimentos e assim possa construir sua visão de mundo de forma mais ampla e mais consistente.

## ORIGEM DA LITERATURA MARANHENSE

Rio político e econômico do Maranhão do século XIX permeado pela crise econômica na qual o estado mergulhou depois da segunda metade do século XVIII foi o terreno no qual surgiu o chamado “Grupo Maranhense”. Composto por intelectuais que se coadunaram muito mais pelo período temporal do que propriamente por convergências de idéias, o grupo é o alvo da série “Literatura Maranhense em Movimentos”.

História, o Grupo Maranhense engloba o período de 1832 a 1868. De inspiração neoclássica e romântica, os intelectuais que compuseram este grupo – Odorico Mendes, Sotero dos Reis, João Francisco Lisboa e Gonçalves Dias e outros - não podem ser abrigados sob um mesmo pensamento estético e/ou literário. “Esclareça-se que a denominação Grupo Maranhense, consagrada aos que se movimentaram na cena literária do período, diz respeito muito mais à contemporaneidade, do que a qualquer outro fator de coesão ou convergência estética”, destaca o escritor e pesquisador Jomar Moraes.

O professor e historiador Henrique Borralho, da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), estudioso do tema, esclarece que esta ideia de grupo tal qual como se conhece surgiu posteriormente.

“O afloramento desses intelectuais surge como uma resposta cultural e social ao caos que se instalou na província com o fim da Balaiada. A necessidade era, então, criar uma ideia de ‘identidade’ maranhense”, destaca Borralho.

E foi a partir dessa busca por uma identidade local - com referências distantes dos portugueses por força da independência, contudo sem romper com os laços europeus - que, nas palavras de Borralho,

“uma elite intelectual de São Luís inventa a ideia de uma ‘Atenas Brasileira’”. “A emergência do epíteto de uma Atenas Brasileira pode ser entendida como uma forma de ingresso do Maranhão à nova configuração política e sócio-cultural pela qual passava o Brasil.

Tal ideal se esmerava na crença de que a cidade de São Luís, a partir de um número significativo de intelectuais nas mais diversas áreas, teria sido um espaço exemplar de efervescência científica, literária, política, jornalística, educacional em meio à invenção da nação”, explica Borralho.

Já para Jomar Moraes, a expressiva qualidade literária que os escritores do Grupo Maranhense mostraram ao Brasil foi a explicação para o reconhecimento.

“No Maranhão, os conterrâneos de Gonçalves Dias (...) dariam ao Brasil, como expressão regional de vida literária, tão eloquente testemunho de cultura e talento, que logo justificariam, para nosso raciocínio, afeito a comparações com valores do mundo greco-romano, o cognome de Atenas Brasileira”, escreveu o imortal da Academia Maranhense de Letras em seu livro “Apontamentos de Literatura Maranhense”.

O nascimento dessa intelectualidade é possível, nas palavras da professora e historiadora Regina Faria, graças a

ida dos filhos de fazendeiros e comerciantes da época para países da Europa, em especial para Portugal. “No Brasil de então, só havia cursos superiores destinados a membros da igreja, por isto muitos iam estudar fora e voltavam com uma bagagem cultural muito

grande não só no que diz respeito à literatura, mas também a outros campos do conhecimento”, observa Regina Faria.

## O ENSINO DA LITERATURA SEGUNDO ALGUNS

### TEÓRICOS

Ao falarmos em Literatura Maranhense, falamos também da construção da identidade maranhense, analisar os discursos que fazem parte desta rede é também entender tal processo como uma tentativa de construção identitária que visa atender ao objetivo de peculiaridade num processo de autoafirmação. Tais discursos foram proferidos e legitimados por intelectuais do século XIX no Maranhão, e que se utilizaram da ideia de uma intelectualidade literária superior, para legitimar o signo da Literatura Maranhense. Estes intelectuais faziam parte da elite maranhense e vários deles estudaram ou trabalharam no Liceu Maranhense símbolo de erudita educação. O nosso objetivo aqui é sobretudo, entender em qual contexto social, político e ideológico se começa a falar em uma Literatura Maranhense.

Chartier (1999, p. 17) nos dá uma importância contribuição para entender os caminhos que trilharemos para compreender quais categorias a Literatura Maranhense pode ser mais bem explicitada, quando o autor nos fala que dentre outras coisas, as classificações, divisões e delimitações que organizam e apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real não devem ser analisadas como elementos distanciados da própria realidade social.

Caldeira, em o Maranhão na Literatura dos viajantes do século XIX, destaca os relatos de Johann Von Spix e Carl Friedrich Philipp Von Martius para demonstrar como essas representações não poderiam ser utilizadas para sustentar mais tarde, a suposta peculiaridade das terras maranhense. Estes cronistas estiveram no Maranhão em 1819, realizando a coletas de

dados sobre questões sociais e econômicas, assim também como das relações política e da própria escravidão

Gaioso foi um importante estudioso acerca da sociedade maranhense do século XIX, um dos seus principais escrito foi *Compendio Histórico dos Principios da Lavoura no Maranhão*. Nesta obra de 1813, o autor relata sobre os grupos que compunham a sociedade maranhense, e como estava organizada. Segundo Gaioso, os grupos eram disposto de duas maneira, a maioria do grupos de ordem elitista e aristocrática e os demais compostos de despossuídos. Reinóis, nacionais, portugueses, mulatos e escravos foram os grupos assim denominado pelo pesquisador; sendo que os mais bem prestigiado socialmente eram os portugueses natos que ocupavam importantes cargos na burocracia administrativas da província, os senhores de grandes lavouras, as donas de casas comerciais e os filhos de europeus, negros livres e escravos, os indígenas e os demais excluídos socialmente terminavam de compor a sociedade maranhense.

### PRINCIPAIS REPRESENTANTES

Antônio Gonçalves Dias nasceu em 10 de agosto de 1823, no sítio Boa Vista, em terras de Jatobá (a 14 léguas de Caxias). Morreu aos 41 anos em um naufrágio do navio *Ville Bologna*, próximo à região do baixo de Atins, na baía de Cumã<sup>4</sup>, município de Guimarães. Advogado de formação, é mais conhecido como poeta e etnógrafo, sendo relevante também para o teatro brasileiro, tendo escrito quatro peças. Teve também atuação importante como jornalista. Era filho de uma união não oficializada entre um comerciante português com uma mestiça<sup>6</sup>, e estudou inicialmente por um ano com o professor José Joaquim de Abreu, quando começou a trabalhar como caixeiro e a tratar da escrituração da loja de seu pai, que veio a falecer em 1837.

Aluísio Tancredo Belo Gonçalves de Azevedo nasceu em São Luis do Maranhão Filho do vice-cônsul

português David Gonçalves de Azevedo, que, ainda jovem, enviudara-se em boda anterior, e de D. Emília Amália Pinto de Magalhães<sup>1</sup>, separada de um rico comerciante português, Antônio Joaquim Branco, assiste Aluísio, em garoto, ao desabono da sociedade maranhense a essa união dos pais contraída sem segundas núpcias, algo que se configurava grande escândalo à época. Foi Aluísio, irmão mais novo do dramaturgo e jornalista Artur Azevedo, com o qual, em parceria, viria a esboçar peças teatrais. Ainda em pequeno revela pendores para o desenho e para a pintura, dom que mais tarde lhe auxiliaria na produção literária. Concluindo os preparatórios em São Luís do Maranhão, transfere-se em 1876 para o Rio de Janeiro, onde prossegue estudos na Academia Imperial de Belas-Artes, obtendo, a título de subsistência imediata, ofício de colaborador caricaturista de jornais, como *O Fígaro*, *Mequetrefe*, *Zig-Zag* e *A Semana Ilustrada*.

Ferreira Gullar nasceu em São Luís, em 10 de setembro de 1930, com o nome de José Ribamar Ferreira. É um dos onze filhos do casal Newton Ferreira e Alzira Ribeiro Goulart.<sup>1</sup>Sobre o pseudônimo, o poeta declarou o seguinte: "Gullar é um dos sobrenomes de minha mãe, o nome dela é Alzira Ribeiro Goulart, e Ferreira é o sobrenome da família, eu então me chamo José Ribamar Ferreira; mas como todo mundo no Maranhão é Ribamar, eu decidi mudar meu nome e fiz isso, usei o Ferreira que é do meu pai e o Gullar que é de minha mãe, só que eu mudei a grafia porque o Gullar de minha mãe é o Goulart francês; é um nome inventado, como a vida é inventada eu inventei o meu nome".

Joaquim de Sousa Andrade, mais conhecido por Sousândrade (Guimarães, 9 de julho de 1832 — São Luís, 21 de abril de 1902) foi um escritor e poeta brasileiro. Formou-se em Letras pela Sorbonne, em Paris, onde fez também o curso de engenharia de minas. Republicano convicto e militante, transfere-se, em 1870, para os Estados Unidos.<sup>1</sup>Publicou seu primeiro livro de poesia, *Harpas Selvagens*, em 1857. Viajou por vários países até fixar-se nos Estados Unidos em 1871, onde publicou a

obra poética *O Guesa*, em que utiliza recursos expressivos, como a criação de neologismos e de metáforas vertiginosas, que só foram valorizados muito depois de sua morte, sucessivamente ampliada e corrigida nos anos seguintes. No período de 1871 a 1879 foi secretário e colaborador do periódico *O Novo Mundo*, dirigido por José Carlos Rodrigues em Nova York (EUA). De volta ao Maranhão, aderiu com entusiasmo ao em 1889. Em 1890 foi presidente da Intendência Municipal de São Luís. Realizou a reforma do ensino, fundou escolas mistas e idealizou a bandeira do Estado, garantindo que suas cores representassem todas as raças ou etnias que construíram sua história. Foi candidato a senador, em 1890, mas desistiu antes da eleição. No mesmo ano foi presidente da Comissão de preparação do projeto da Constituição Maranhense. Morreu em São Luís, abandonado, na miséria e considerado louco

Luis Augusto Cassas nasceu e mora em São Luis do Maranhão desde 2 de março de 1953. Publicou muitos livros de poesia, sempre bem recebidos pela crítica. A Literatura Maranhense Contemporânea: Luis Augusto Cassas um dos seus panteões Luís Augusto Cassas, cuja poética caleidoscópica, estranha e delirantemente visionária se tem constituído como um dos mais bem realizados projetos literários de nossa lírica contemporânea.

Considero caleidoscópica a cartografia poética engendrada por Luís Augusto Cassas porque, recusando-se criativamente a se enquadrar de forma passiva nesta ou naquela vertente estético-filosófica, sua poesia, portando exacerbada sede de eternidade e obsessiva ânsia de infinito, transcende, pelo alto poder transfigurador de que se reveste, as gramáticas mais rígidas e convencionais das elaborações epistemológicas mais previsíveis, e, guiada por uma peculiaríssima e transgressora lógica que rompe os interditos, venham eles de onde vierem, propõe, universal e transdialeticamente, uma espécie de síntese cosmogônica de tudo, atravessada por uma visceralmente dramática compreensão do universo, através de um vertical incursionamento pelas

camadas mais abissais da sua mais significativa e errante personagem histórica: o homem, com os seus desafiadores enigmas e encantatórios sortilégios.

Significativa, porque é a partir do horizonte de expectativas gestado pelo ser humano que tudo, a materialidade objetiva do mundo circundante e os abismos da interioridade subjetiva, ganha o desafiador estatuto e emblemático contorno de uma enigmática esfinge que gera e produz significações (in) decifráveis; errante, porque a travessia humana, em suas mais variadas peripécias, se tem nuclearizado pelo indeclinável sentimento de uma permanente busca, uma incansável procura pela utopia plenificadora; por fim, histórica, por ser no palco impuro da história que as intersubjetivas relações humanas se constroem, ora eufórica, ora disforicamente.

Promovendo a interpenetração dos contrários e, mais que isso, desconstruindo falsos dualismos, a poética de Luís Augusto Cassas, "aos pés do cosmos", faz contracenar, na mesma tessitura sónica, o sagrado e o profano, face e contraface de um mesmo espetáculo humano, ancestral e jovem, sórdido e sublime, vulgar e solene, em cujo âmago nada há de novo sobre o solo, senão o ingente percurso da busca e a alucinante procura da aura, entre outras coisas, "ora escurecida na perda do amor pelo prazer, ora vilipendiada pelo elogio do ressentimento em lugar do perdão, ora obscurecida pela cobiça em vez do desapego e fragmentada pelas ideologias de falsos profetas e poetas".

Na poética de Luís Augusto Cassas, penalizado qualquer ludismo gratuito e inseqüente, repellido qualquer retoricismo vazio e esteticamente inconsistente porque desprovido da verdade humana essencial, atributo inafastável de qualquer obra de arte que se preza, há uma alta e assumida consciência de missão ética, para além de qualquer filigrana de ordem estilística ou propriamente genológica.

No divertido humor presentificado na poética de Luís Augusto Cassas não falta a gravidade alegre do sempre presente tom de meditação existencial po-

limorficamente lançado sobre todos os desvãos e abismos de quantos existem e compõem a multifacetada realidade humana. Seguindo as trilhas abertas pelo Shopping de Deus e com ele mantendo nítidos vínculos de relacionamento e dialogicidade textual, o Deix mix, nascido da sugestão dada pelo rei Davi que, em sonhos, visitou o poeta maranhense solicitando-lhe, oníricovisionariamente, a empreitada de celebrar, para além do conúbio Deus X homem, o próprio mundo em sua santa materialidade ou espiritualidade materializada, de modo a, rasurando o empobrecedor superficialismo das falsas polaridades, ratificar a recorrente proposta de quem, assumidamente multifário, tem como desiderato ético-estético maior, a cosmogônica síntese universal de todas as coisas

## UM NOVO OLHAR SOBRE A LITERATURA MARANHENSE

O cenário político e econômico do Maranhão do século XIX permeado pela crise econômica na qual o estado mergulhou depois da segunda metade do século XVIII foi o terreno no qual surgiu o chamado “Grupo Maranhense”. Composto por intelectuais que se coadunaram muito mais pelo período temporal do que propriamente por convergências de idéias, o grupo é o alvo da série “Li-teratura Maranhense em Movimentos”.

Historicamente, o Grupo Maranhense engloba o período de 1832 a 1868. De inspiração neoclássica e romântica, os intelectuais que compuseram este grupo – Odorico Mendes, Sotero dos Reis, João Francisco Lisboa e Gonçalves Dias e outros - não podem ser abrigados sob um mesmo pensamento estético e/ou literário. “Esclareça-se que a denominação Grupo Maranhense, consagrada aos que se movimentaram na cena literária do período, diz respeito muito mais à contemporaneidade, do que a qualquer outro fator de coesão ou convergência estética”, destaca o escritor e pesquisador Jomar Moraes.

O professor e historiador Henrique Borralho, da Universidade Estadual do Maranhão (Uema), estudioso do tema, esclarece que esta idéia de grupo tal qual como se conhece surgiu posteriormente. “O afloramento desses intelectuais surge como uma resposta cultural e social ao caos que se instalou na província com o fim da Balaiada. A necessidade era, então, criar uma ideia de ‘identidade’ maranhense”, destaca Borralho.

E foi a partir dessa busca por uma identidade local - com referências distantes dos portugueses por força da independência, contudo sem romper com os laços europeus - que, nas palavras de Borralho, “uma elite intelectual de São Luís inventa a idéia de uma ‘Atenas Brasileira’”. “A emergência do epíteto de uma Atenas Brasileira pode ser entendida como uma forma de ingresso do Maranhão à nova configuração política e sócio-cultural pela qual passava o Brasil. Tal ideal se esmerava na crença de que a cidade de São Luís, a partir de um número significativo de intelectuais nas mais diversas áreas, teria sido um espaço exemplar de eferescência científica, literária, política, jornalística, educacional em meio à invenção da nação”, explica Borralho.

Já para Jomar Moraes, a expressiva qualidade literária que os escritores do Grupo Maranhense mostraram ao Brasil foi a explicação para o reconhecimento. “No Maranhão, os conterrâneos de Gonçalves Dias (...) dariam ao Brasil, como expressão regional de vida literária, tão eloqüente testemunho de cultura e talento, que logo justificariam, para nosso raciocínio, afeito a comparações com valores do mundo greco-romano, o cognome de Atenas Brasileira”, escreveu o imortal da Academia Maranhense de Letras em seu livro “Apontamentos de Literatura Maranhense”.

O nascimento dessa intelectualidade é possível, nas palavras da professora e historiadora Regina Faria, graças à ida dos filhos de fazendeiros e comerciantes da época para países da Europa, em especial para Portugal. “No Brasil de então, só havia cursos superiores destinados a membros da igreja, por isto muitos iam estudar

fora e voltavam com uma bagagem cultural muito grande não só no que diz respeito à literatura, mas também a outros campos do conhecimento”, observa Regina Faria

### **O CENTRO DE ENSINO DELFINO AGUIAR DE AZEVEDO NO MUNICÍPIO DE SÃO JOÃO DO PARAÍSO- MARANHÃO**

Em 1993 o então Prefeito de Porto Franco Deoclides Macedo conseguiu a autorização para o funcionamento da primeira escola de ensino médio desta cidade, na época o curso Magistério que ainda sem prédio próprio funcionou na escola Sebastião Archer com duas turmas do curso Magistério 34 alunos.

O primeiro diretor foi, Armando Marinho Campos e os professores foram: Maria Zenaide Cordeiro de Freitas, Joacyr Soares Milhomem, Ana Claudia Bastos, Maria de Jesus Gomes de Sousa.

A Escola Delfino Aguiar foi um marco na história desta cidade e deu início a uma nova fase pois com o ensino médio aqui mesmo, muitos jovens deixaram de sair da cidade tão cedo como acontecia antes e passaram a estudar aqui e também deu oportunidade para outras que não podiam sair para estudar fora.

Com a extinção do Magistério a escola passou a funcionar apenas com o curso Educação Geral, que faz parte da educação básica.

Ela foi reconhecida em 2007 pelo decreto de nº 104/07.

Esta escola tem sido uma referência para esta cidade, pois todas os jovens de São João do Paraíso passam por ela e a formação básica da juventude paraisense está ligada a esta escola.

O Delfino Aguiar também tem sido uma escola que tem primado não só pela formação intelectual, mas também pela formação de cidadãos e hoje ela tem profissionais trabalhando em várias áreas. Alguns dos professores que hoje trabalham nesta escola foram

alunos dela., como o mestrando Geocione Moreira Melo Miranda

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Delfino Aguiar de Azevedo” tem como função principal respeitar e valorizar as experiências de vida dos educandos e de suas famílias. Temos como propósito fortalecer nos educandos, a postura humana e os valores aprendidos: a criticidade, a sensibilidade, a contestação social, a criatividade diante das situações difíceis, a esperança.

Queremos deste modo formar seres humanos com dignidade, identidade e projeto de futuro. Também desejamos que nossa clientela interfira na sua comunidade, participando das decisões, buscando soluções, mantendo boa convivência, tendo presente em sua vida a religiosidade e os valores morais e éticos.

Dispõe de três turnos do dia, matutino, vespertino e noturno, para atender o alunado, sendo que o turno matutino está cedido para o município onde atende alunos a partir da 5ª série até o 9º ano e nos turnos vespertino e noturno atende alunos exclusivamente do Ensino médio do 1º ao 3º ano do perfazendo um total de 580 alunos.

A clientela é bastante diferenciada, pois uma parte é constituída de alunos da zona urbana que trabalham (turno noturno) e estudam outra de alunos da zona urbana que só estudam (turno vespertino) e os da zona rural que moram na zona rural trabalham e estudam. Considerando estas três realidades e sabendo que cada uma requer um tratamento diferenciado pois com base nessa realidade sabemos que cada um deles tem jeitos de olhar o mundo diferenciada e sonhos e projetos também.

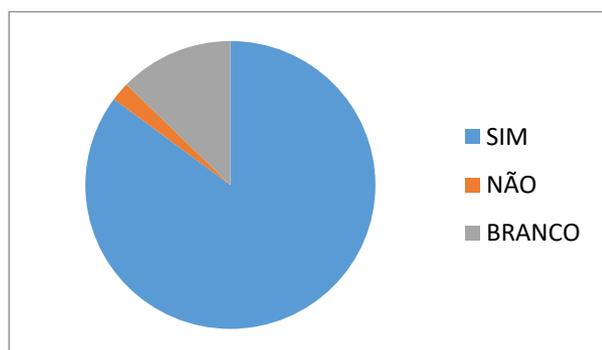
Então é papel da escola buscar o equilíbrio entre estas diferenças e tentar conciliar estas realidades fazendo com que cada uma delas encontre sentido na escola e que esta seja uma resposta para os seus anseios.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Foram abordados aleatoriamente 47 alunos do Ensino Médio, com faixa etária entre 15 e 26 anos.

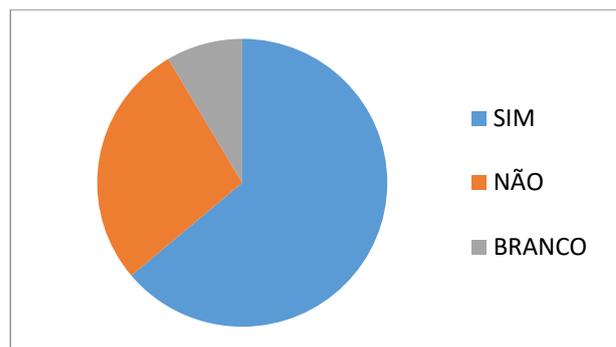
No total, foram entrevistados 47 estudantes, sendo 63,8% pessoas do sexo feminino e 36,1% do sexo masculino, intercalados entre os alunos dos turnos vespertino e noturno. A primeira questão do questionário buscou verificar se no Centro de Ensino Delfino Aguiar de Azevedo existe obras da Literatura maranhense. A segunda busca investigar o (des)conhecimento em relação à Literatura Maranhense. A terceira tem como objetivo aprofundar a questão anterior através do conhecimento acerca de algum escritor maranhense. Por fim, a quarta questão busca identificar a importância atribuída ao ensino da Literatura Maranhense em sala de aula.

### 1 – NO CE DELFINO AGUIAR DE AZEVEDO EXISTE OBRAS DA LITERATURA MARANHENSE?



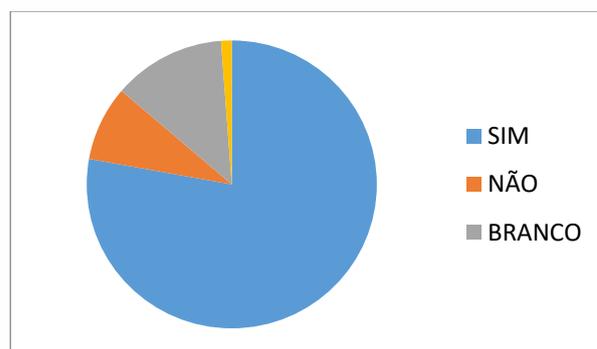
No gráfico acima, observa-se que 85,1% dos entrevistados afirmaram que na escola há obras de Literatura Maranhense e que eles têm total acesso, 2,12% disseram que não existe e 12,7% afirmaram que não sabe dizer. Percebe-se que existe um percentual considerável de alunos que têm conhecimento da existência de obras da literatura maranhense, somando-se aos informantes que afirmam não saber da existência com os que parcialmente afirmam que não há obras dessa natureza na escola. Conclui-se que ainda necessita desenvolver atividades para despertar nessa minoria o desejo de conhecer a cultura literária maranhense.

### 2 – VOCÊ CONHECE A LITERATURA MARANHENSE?



Quanto a segunda pergunta, 63,8% dos entrevistados afirmaram que conhecem obras da Literatura Maranhense, 32,5% afirmaram não conhecer e 8,51% afirmaram conhecer mais ou menos. Diante das respostas obtidas verifica-se um percentual de desconhecimento em relação à Literatura Maranhense bastante elevado.

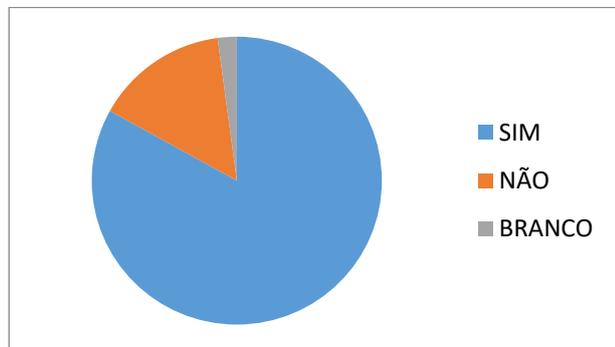
### 3 – VOCÊ CONHECE ALGUM ESCRITOR MARANHENSE? SE SIM, CITE O NOME DE ALGUNS.



O gráfico demonstra que 78,7% dos entrevistados diz conhecer algum escritor maranhense, enquanto 8,51% relataram não conhecer nenhum escritor da terra e 12,7% não responderam à questão. Entre os que afirmaram conhecer algum escritor maranhense, citaram, em sua maioria, foram: Aluísio Azevedo, Castro Alves, Carlos Drummond de Andrade, Carlos Cunha, Coelho Neto, Edimar Simplício, Ferreira Gullar, Graça Aranha, Gonçalves Dias, Godofredo Viana, José Sarney e Machado de Assis. É evidente notar que os escritores Carlos Drummond de Andrade e Machado de Assis não são maranhenses, e sim mineiro e carioca, respectivamente. Dessa forma, percebe-se que entre os que fazem parte do percentual que afirma conhecer

escritores regionais, há aqueles que equivocadamente os conhecem.

#### 4 – A LITERATURA MARANHENSE COSTUMA SER ABORDADA NA SALA DE AULA?



No gráfico acima, 82,9% dos alunos afirmam que obras literárias maranhenses são abordadas frequentemente em sala de aula, 14,8% diz não haver um trabalho interativo com a Literatura Maranhense e 2,12% preferiu não opinar. Embora haja entre os entrevistados alunos que conhecem, ainda assim se pode afirmar a necessidade de um trabalho interdisciplinar que contemple todas as formas de arte regional. Logo, verifica-se a necessidade de se trabalhar em sala de aula de forma real e efetiva com a Literatura Maranhense.

#### METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se quanto aos objetivos como exploratória e descritiva. Quanto aos procedimentos técnicos, enquadra-se enquanto pesquisa de campo. A pesquisa foi realizada com alunos do Ensino Médio da Escola Delfino Aguiar de Azevedo no Município de São João do Paraíso- Maranhão a partir de um questionário constituído por 04 (quatro) questões objetivas a respeito da temática pesquisada. A pesquisa foi realizada de forma qualitativa para alcançar seus objetivos, garantindo maior familiaridade com o objeto de estudo.

Para elaborar uma pesquisa é necessário utilizar métodos científicos, que são ferramentas funda-

mentais. Lakatos e Marconi (2010) explicam que qualquer pesquisa é formada por um conjunto de técnicas que vão auxiliar no caminho a ser percorrido. O estudo realizado nessa pesquisa contou com o modelo de revisão bibliográfica de vários autores maranhense como cito alguns nas referências deste trabalho.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura comporta várias funções e muitos valores. Acreditar que uma obra literária não é relevante para o desenvolvimento intelectual e cognitivo do indivíduo é apresentar uma visão estreita do fenômeno complexo da ficcionalidade e de sua necessidade humana e humanizadora. As grandes obras literárias contribuíram (e contribuem) para formar o mundo e o humano, ensinando-nos a viver (e a refletir sobre o outro e nós mesmos) de maneira mais plena.

A Literatura em si é extraordinária e estudá-la na íntegra possibilita-nos a adquirir um senso mais definitivo das peculiaridades humanas. O que se sabe no momento, é que o ensino da Literatura Maranhense no Centro de Ensino Delfino Aguiar de Azevedo é ensinada paralelo a Literatura nacional. De acordo com a pesquisa realizada com os estudantes da escolar supracitada percebe-se que entre eles há um percentagem relevante de alunos que detêm o conhecimento sobre os escritores maranhenses e suas obras. Porém ainda existe um número significativo de alunos que não conhecem ou confundem a naturalidade dos escritores brasileiros.

Portanto, o que se observou foi uma Literatura Maranhense parcialmente ensinada e um anseio da maioria dos discentes em conhecê-la mais, a pesar do trabalho que é feito por professores dedicados e comprometidos com a história e a cultura maranhense ainda há a necessidade da obrigatoriedade da inclusão da Literatura maranhense no currículo escolar. Logo a mesma deve fazer parte do processo cultural e metodológico do educando.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, MINISTERIO DA EDUCAÇÃO. Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio. Brasília: Secretaria de Educação Médio e Tecnológico, MEC, 1999.

COELHO, Nelly Novaes. Literatura e Linguagem: a obra literária e a expressão linguística. 2ª Ed. Universidade do Texas. Edições Quíran, 2008.

CORRÊA, Rossini. Atenas Brasileira: A cultura Maranhense na Civilização Nacional. Brasília: Thesaurus; Correa & Correa, 2001.

ZILBERMAN, Regina. Leitura literária e outras leituras. In: Leitura-práticas, impressos, letramentos. (Org.) BAPTISTA, Antônio Augusto. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert; SANTOS, Salette Rosa Pezzi. Ensino de Literatura: Possibilidades e Alternativas. UCS, Caxias do Sul, 2008.

Maranhão, Francisco de nossa Senhora dos Prazeres, Frei. Poranduba maranhense ou Relação histórica da província do Maranhão/ Frei Francisco de Nossa Senhora dos Prazeres Maranhão 3ª Ed.- São Luis: Edição Maranhense de Letras, 2012.

A poesia maranhense no Século XX (Antologia)/ organização, introdução e notas de Assis. Brasil. - Rio de Janeiro: Imago Ed.; São Luis, MA: SIOGE, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC/SEF, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 2001.

CASSAS, Luis Augusto, 1953- Evangelho dos peixes para a Ceia de Aquário/ Luis Augusto Casas; [Prefácios de Paulo Urban e Jose Mario da Silva.